



Metodologias participativas na extensão rural agroecológica: reflexões da experiência vivenciada junto aos estudantes de cursos técnicos em agropecuária no Semiárido Nordestino

Cristiane Moraes Marinho¹, Moisés Félix de Carvalho Neto², Helder Ribeiro Freitas³, Lucas Ricardo Souza Almeida⁴ e Railander de Oliveira Queiroz Souza⁵.

¹Doutoranda em Extensão Rural/UFSM e professora do IF Sertão-PE, Campus Santa Maria da Boa Vista. E-mail: cristianeifsertao@gmail.com; ²Mestre em Agronomia - Produção Vegetal e pesquisador do NEA Sertão Agroecológico. E-mail: moises.fcn@gmail.com; ³Doutor em Solos e Professor da Universidade Federal do Vale do São Francisco e Coordenador do NEA Sertão Agroecológico. E-mail: helder.freitas@univasf.edu.br; ⁴Graduando em Agronomia e bolsista do NEA Sertão Agroecológico. E-mail lucas.ricardo.univasf@gmail.com; ⁵Graduando em Agronomia e bolsista do NEA Sertão Agroecológico. E-mail: raylander_petro@hotmail.com.

Resumo: Este texto pretende apresentar e discutir a experiência da formação intitulada “Metodologias Participativas na Extensão Rural Agroecológica: Fundamentos e Práticas”, realizada no mês de maio de 2016 com estudantes dos cursos Técnicos em Agropecuária da Escola Família Agrícola de Sobradinho/BA (EFAS) e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano - IF Sertão PE - campus Ouricuri. Entre outras coisas, pretendeu-se, por meio desta formação, promover a construção de conhecimentos para a atuação em processos de intervenção sociotécnica de caráter participativo e dialógico no âmbito das políticas públicas de promoção da agroecologia para a convivência com o Semiárido. A experiência levantou a importância da articulação entre diferentes sujeitos e instituições sociais na promoção do conhecimento agroecológico, a necessidade de interações para autoconhecimento destes e a importância de ações como esta para a superação de limitações postas à educação formal.

Palavras-chave: Educação em Agroecologia; Articulação; Metodologias Participativas.

1. Introdução

Este texto pretende analisar de forma sistêmica e reflexiva o percurso formativo intitulado “Metodologias Participativas na Extensão Rural Agroecológica: Fundamentos e Práticas”, realizado em



maio de 2016 na Escola Família Agrícola de Sobradinho/BA (EFAS), tendo como base epistemológica os princípios e fundamentos da extensão rural, educação popular e da agroecologia para convivência com o Semiárido, bem como suas conexões. Neste sentido, pretende-se discutir o processo de construção, realização e avaliação da formação inicial em questão.

Esta experiência com foco na formação de jovens, que já provocou na equipe de coordenação e dos educadores problematizadores durante o planejamento das atividades algumas reflexões pedagógicas e metodológicas, possibilitou a formação de mais de oitenta e cinco estudantes dos cursos Técnicos em Agropecuária da Escola Família Agrícola de Sobradinho/BA e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano - IF Sertão-PE *Campus* Ouricuri, que naquele momento cursavam, em suas instituições de origem, a disciplina Extensão Rural.

A proposta de realização desta formação surgiu da parceria entre diferentes instituições públicas, organizações não governamentais e grupos/coletivos de estudantes em Agroecologia (GEASA), que contribuem para a construção do conhecimento agroecológico nos Territórios do Sertão do São Francisco (PE/BA), entre eles o Núcleo de Pesquisa e Estudos Sertão Agroecológico (NUPESA) da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), o Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA), a Associação Mantenedora da Escola Família Agrícola de Sobradinho (AMEFAS), o Núcleo de Agroecologia do Semiárido da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA – Semiárido), a Rede Territorial de Agroecologia Sertão do São Francisco – PE/BA e o IF Sertão – PE *Campus* Ouricuri. Tal parceria buscou, principalmente, construir ações colaborativas e projetos de fortalecimento da agroecologia, da agricultura familiar e da educação contextualizada para convivência com o Semiárido e construção do conhecimento local dos territórios Semiáridos, numa perspectiva da integração de diferentes saberes em rede na região do São Francisco PE/BA.

Esta experiência procurou contribuir para a formação, com vistas à atuação em extensão rural agroecológica e metodologias participativas (MP) dos estudantes do curso técnico em agropecuária da Escola Família Agrícola de Sobradinho e do IF Sertão –PE - *Campus* Ouricuri. A intenção era



proporcionar uma formação inicial que pudesse fomentar o empoderamento dos futuros técnicos agropecuários para atuarem em processos de intervenção sociotécnica de caráter participativo e dialógico no âmbito das políticas públicas de promoção da agroecologia para convivência com o Semiárido, no fortalecimento da agricultura familiar e no desenvolvimento, apropriação e implantação de inovações técnicas e tecnológicas tendo a participação reflexiva e dialógica como princípio metodológico desde as etapas de levantamento, implantação, gestão e monitoramento até a avaliação nos diferentes processos de intervenção.

Neste sentido, as instituições parceiras se propuseram a intervir na formação dos jovens, não somente enquanto agentes extensionistas, mas também como protagonistas críticos-reflexivos do Semiárido, entendido aqui como espaço não só de produção agropecuária, mas, sobretudo, como espaço social de vida em todas as suas dimensões (cultural, política, ambiental, educativa, legal, da saúde, do lazer, do gênero, etc.).

A proposta buscou assentar-se na perspectiva dialética de construção do conhecimento e pretendeu dialogar com os contextos sociais dos quais advinham os cursistas, a fim de problematizar a realidade cotidiana das intervenções sociotécnicas desenvolvidas na interação entre os agentes de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) e as famílias, instituições e demais sujeitos imbricados na ATER Agroecológica. Tudo isso, permitindo o protagonismo de suas falas, identidades e subjetividades, as quais estão intrinsecamente ligadas à cultura e às dinâmicas socioambientais e econômicas desses educandos (as), que vivem e convivem em diferentes contextos do Semiárido nordestino.

2. Descrição e reflexão sobre a experiência

É importante destacar que a proposta de realização desta formação foi fomentada em diversos espaços de diálogos entre diferentes sujeitos e instituições. Estes reconheciam a necessidade de construção de espaços formativos que pudessem transpor as limitações da educação formal e de seus currículos, muitas vezes engessados ou distantes da realidade concreta dos sujeitos do Semiárido. Todo



processo metodológico buscou preservar a unidade entre a proposta da formação e as ações e utopias que movem os sujeitos/instituições participantes, fundamentando-se na concepção dialético-construtivista, que tem como princípios básicos os seguintes:

a) Os educandos como sujeitos, agentes do processo

Como processo de educação popular a formação principiou o protagonismo dos sujeitos, a diversidade de saberes e a historicidade destes, entendendo que “conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer” (FREIRE, 1983, p.15).

b) Busca e construção coletiva do conhecimento como instrumento de intervenção e transformação da realidade

Parte do princípio de que o conhecimento deve ser instrumento de intervenção na realidade e sua construção dá-se no bojo das relações entre sujeitos históricos que fazem e refazem continuamente o seu saber.

c) Democratização e dialogicidade nas falas e audições

Neste princípio, o desafio foi a construção e vivência do diálogo verdadeiramente humanístico, ao qual não cabe manipular ou invadir nem, muito menos, promover a hierarquização dos saberes, e sim o encontro, a interação face-a-face, o pronunciamento e a leitura de mundo fundados na alteridade.

d) Mediação problematizadora

Este princípio regeu a atuação docente ao longo de toda formação, entendendo ser a mediação exercício fundamental destes, que tiveram como tarefa a problematização dos temas abordados, com o fim de não apenas mobilizar o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes, mas também de incentivar o pensamento complexo e crítico, rompendo com a lógica de domesticação e busca por respostas prontas e acabadas.

e) Trabalho coletivo e vivência colaborativa

Considerando que a formação representou o primeiro contato entre os dois grupos de estudantes, os da EFAS e os do IF, que tinham origens e experiências distintas, tanto relacionadas às



instituições quanto aos próprios municípios/comunidades, o planejamento previu atividades em grupos mistos em relação às instituições de origem. Tais atividades, no geral, propunham a leitura, discussão, sistematização e/ou simulação nos pequenos grupos (formados de oito a dez estudantes); e a socialização e debate no grande grupo (formado por todos os participantes).

A dinâmica da Escola Família Agrícola, na qual quase todo trabalho (limpeza, organização e manutenção das dependências da escola), além da manutenção dos setores produtivos (horta, curral, galinheiro, viveiro, pomar, entre outros), são realizados pelos estudantes, possibilitou a ampliação dos espaços formativos. Tal dinâmica possibilitou tanto aos estudantes da EFAS quanto do IF Sertão a vivência coletiva e cooperativa do trabalho como princípio da autogestão. Assim, considera-se que estes também constituem momentos de formação e integração ente os grupos, pois: “A colaboração, mais do que uma estratégia de aprendizagem entre os membros da comunidade, apresenta-se como uma prática de interação social situada no grupo e orientada para a sustentabilidade do mesmo” (DIAS, 2012, p.04).

No contexto destes princípios, a formação foi desenvolvida ao longo de três dias 27, 28 e 29 de maio, em período integral (manhã, tarde e noite), na Escola Família Agrícola de Sobradinho (EFAS). Ao todo, participaram da formação oitenta e cinco estudantes, sendo quarenta e quatro do 1º ano do curso Médio Profissionalizante em Agropecuária da EFAS e quarenta e um do curso Técnico Subsequente em Agropecuária do IF Sertão-PE. A equipe de formação foi composta por educadores (as) / problematizadores (as) de ambas as instituições, além da UNIVASF que garantiu a participação do professor coordenador do Núcleo de Agroecologia Sertão Agroecológico e o acompanhamento e apoio por parte de quatro estudantes, sendo três do curso de Engenharia Agrônômica e uma do curso de Ciências Biológicas, todos membros do referido núcleo. O Núcleo de Agroecologia da Embrapa Semiárido esteve presente em todo processo de construção da proposta e organização metodológica.

A formação foi iniciada com um momento de acolhida dos estudantes do IF pelos anfitriões da Escola Família (estudantes e equipe de monitores). A primeira atividade realizada foi uma dinâmica de apresentação, onde os dois grupos de estudantes foram mesclados e tiveram a tarefa de, em duplas,



estabelecer os primeiros contatos, dialogando um pouco sobre: Quem sou? De onde venho? Porque venho? O que tenho a contribuir? O que pretendo colher? Em continuidade, no grande grupo, as duplas tiveram a tarefa de socializar as apresentações. Logo, foi possível perceber a diversidade e riqueza de experiências e trajetórias de vida representadas em cada apresentação. Inicialmente houve certa timidez nas falas, mas a partir das atividades esta deu lugar à espontaneidade e desembaraço e ao protagonismo juvenil.

Houve, em seguida, um momento de apresentação da proposta de trabalho, da realização de acordos didáticos e operacionais, onde foi estabelecido que assim como os estudantes da EFAS realizavam atividades relacionadas aos diferentes setores produtivos (horta, curral, galinheiro, viveiro, entre outros) também os alunos do IF também iriam compor as equipes responsáveis por cada setor. Nesse sentido, foi então realizada uma Caminhada Transversal em instalações e áreas de campo da EFAS, com o objetivo de conhecer sua estrutura física, a localização, organização e os estudantes e monitores responsáveis por cada setor.

Assim, os estudantes e monitores da EFAS seguiram para os setores dos quais eram responsáveis, onde seriam os mediadores das discussões naqueles espaços. Já os alunos do IF foram divididos em quatro grupos, que seguiram, a partir da metodologia do Carrossel, para as “estações” – que seriam os setores a serem visitados. Este foi um momento muito rico de interações, por diversos aspectos: primeiro foi promovido o empoderamento dos estudantes da Escola Família, que com propriedade apresentavam os setores produtivos e espaços da escola, bem como a dinâmica das atividades desenvolvidas nos mesmos. Os conteúdos trabalhados versaram em três grandes eixos:

1º) Princípios e fundamentos da agroecologia e da convivência com o Semiárido

A partir da exibição de dois documentários¹ foram problematizadas, em debate no grande grupo, questões como: O que é agroecologia? O que não é agroecologia? Porque agroecologia? Ser

¹ Agroecologia - Planeta - Parte 1. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=puBkPnRq3ao>>. Acesso em 26 de abril de 2016. E, Sistemas integrais de convivência com o Semiárido. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=AfFECT31SiE>>. Acesso em 26 de abril 2016.



orgânico é ser agroecológico? Como a agroecologia se dá? O que é transição agroecológica? Qual o papel dos agentes de ATER frente a este processo? A agroecologia é possível no Semiárido? Qual a relação entre agroecologia e a convivência com o Semiárido? Quais as especificidades da agroecologia no Semiárido?

Não houve, ao longo do debate, a intenção de construir respostas únicas e absolutas às questões. Ao contrário, por meio da mediação provocativa e problematizadora foi possível conectar, relacionar e sistematizar nas próprias falas dos interlocutores (estudantes e demais participantes) os princípios e fundamentos da agroecologia e da convivência com o Semiárido, além de tecer conexões estreitas entre elas.

Neste contexto, vale ressaltar um elemento importante mobilizado ao longo do debate: os conhecimentos prévios dos interlocutores, suas experiências e trajetórias de vida, isto porque, como diria Freire (1989, p.10), “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”, sendo estas “leituras de mundo” o ponto de partida para qualquer que seja a reflexão conceitual. Nesse sentido, para discutir agroecologia e convivência com o Semiárido é preciso “pisar no chão” de onde leituras brotavam.

2º) Conceitos e fundamentos da ATER e das metodologias participativas

As discussões sobre este eixo foram realizadas a partir de uma exposição dialogada, na qual foi apresentado um pequeno histórico da ATER no Brasil. Nesta exposição, buscou-se enfatizar a extensão como processo dialógico de educação popular conforme defende Freire (1983). Também foram debatidos os diferentes níveis de participação conforme Arnstein (2002), uma vez que: “conceber que a participação pode dar-se em diferentes níveis de envolvimento e autonomia dos sujeitos e grupos é importante para elucidar os sentidos, os percursos metodológicos e as finalidades dos trabalhos que se propõe a desenvolver” (MARINHO e FREITAS, 2015, p.17).

3º) Vivência e Simulação de Metodologias Participativas



Ao longo de toda formação tínhamos a pretensão de proporcionar a discussão, simulação e/ou vivência de quatorze metodologias participativas, que foram: (1) Facilitação Gráfica; (2) Carrossel; (3) Chuva de Ideias (Tempestade de Ideias); (4) Caminhada Transversal; (5) Rotina Diária; (6) Mapeamento (uso e ocupação); (7) Linha do Tempo; (8) Realidade Desejo; (9) Fortaleza, Oportunidade, Fraqueza e Ameaça (FOFA); (10) Diagrama de Vênn; (11) Eleição de Propriedades; (12) Árvore de Problemas; (13) Calendário Sazonal e; (14) Entrevista semiestruturada.

Ressalte-se que as quatro primeiras (facilitação gráfica; carrossel; chuva de ideias e caminhada transversal) integraram a dinâmica metodológica da formação. Ou seja, foram utilizadas como metodologias no próprio processo formativo e não somente enquanto um conteúdo deste. Para o trabalho com as outras dez metodologias, foi proposta uma divisão em dez grupos denominados: umbu, cabras, juazeiro, macambira, jurema, porcos, galinhas, terra, água e ar, sendo seus componentes mesclados entre as instituições EFAS e IF. Os grupos seriam responsáveis por simular e vivenciar uma das MPs propostas.

Para tanto foi necessária a seleção, por parte da equipe de formação, de pelo menos dois textos de referência que embasassem os estudos, as discussões e todo processo de apropriação da metodologia e seus fundamentos pelo grupo. Dentre as principais referências utilizadas podemos apontar: Coelho (2014), Verdejo (2006), Ruas (2004), Brose (2001) e Geifuls (1997).

Na concepção da equipe, o processo de aprendizado seria potencializado a partir da proposta, uma vez que, para além da leitura e estudo sistemático para compreender a metodologia, seus limites e possibilidades, o grupo deveria conceber e simular uma situação “concreta”, na qual a metodologia participativa fosse utilizada. Noutras palavras, o processo de ensino-aprendizagem se consolidaria à medida em que o conhecimento aprendido torna-se apreendido, transformando-se em instrumento de intervenção na realidade. Afinal, “só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isso mesmo, re-inventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido-apreendido a situações existenciais concretas” (FREIRE, 1983, p. 7-8).



Para conseguir realizar a atividade, os grupos tiveram o período da manhã todo dedicado à concepção da simulação, tendo uma série de recursos materiais disponíveis para tal (papéis, pincéis, barbante, tesouras, colas, fitas, etc.). Neste processo, foi essencial a mediação da equipe formadora, que esteve próxima aos grupos, problematizando, tirando dúvidas e motivando-os. As simulações foram momentos de ricos aprendizados, pois possibilitou a construção de um espaço de discussões, no qual, partindo-se de uma situação problematizadora, a simulação, pôde-se ampliar o entendimento da metodologia, a partir de questões como: Quando utilizar tal/tais metodologias? Por quê? De que forma estas podem ser desenvolvidas? Quais os sujeitos/instituições essenciais a serem envolvidos? Que papéis assume cada um destes? Utilizar metodologias participativas garante a participação democrática, crítica e reflexiva?

Foi perceptível, ao longo de todo percurso formativo, o nível de amadurecimento, esclarecimento e reflexividade dos estudantes que, efetivamente, protagonizaram as intensas discussões. Parte deste empoderamento, talvez, deva-se ao trabalho realizado nas práticas pedagógica ao longo da disciplina Extensão Rural, naquele momento em curso, tanto na EFAS quanto no IF, mas, prioritariamente, aos princípios de educação popular vivenciados, sobretudo na Escola Família Agrícola, pelos estudantes tidos como sujeitos ativos do processo educativo, uma vez que “conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E, é como sujeito, e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer” (FREIRE, 1983, p. 10).

Analisando a experiência em seu todo, uma das principais análises é que a formação também se constituiu em um momento de reflexão e autoconhecimento dos sujeitos da EFAS (incluindo monitores/professores) e do IF Sertão. A perspectiva metodológica dialógica possibilitou que cada grupo refletisse sobre suas práticas e seus processos formativos, reafirmando-se, nesta experiência, a necessidade das interações e tensionamentos para o autoconhecimento e a autorreflexão nas dimensões institucional, coletiva e pessoal.

3. Diálogo com os princípios e diretrizes da Educação em Agroecologia



O trabalho aqui apresentado buscou dialogar com os princípios e diretrizes da Educação em Agroecologia, ao longo de todo o processo formativo, especialmente por não reduzir o Campo/Rural e o próprio Semiárido aos aspectos produtivos, mas compreendendo-o como espaço de vida em todas as suas dimensões e complexidade. Isto também se mostrou possível, a partir do momento em que partimos da concepção de que a educação se faz com, e não para sujeitos sócio e historicamente situados, protagonistas de seus próprios processos de construção-reconstrução-transformação de conhecimentos e práticas. É neste contexto que os trabalhos foram orientados tanto por princípios da Educação Popular quanto freireano, por entender o caráter eminentemente político, transformador e revolucionário que assume a práxis da Educação em Agroecologia.

4. Considerações finais

A realização desta Experiência evidenciou a necessidade de articulação entre os diferentes parceiros, sejam instituições de educação formal e não formal, instituições de pesquisa, organizações não governamentais e sociedade civil organizada. Acredita-se que, a partir de articulações como estas, seja possível superar alguns dos limites às práticas de Educação em Agroecologia postos na formação dos estudantes dos cursos técnicos em agropecuária.

Acreditamos que a experiência tornou possível a introdução de novas capacidades/habilidades que permitiu aos alunos contextualizar os conhecimentos abordados; tornar mais claros os conceitos e fundamentos tanto da agroecologia quanto das metodologias participativas e aprofundar, por meio da aplicação, discussão crítica e simulação de saberes e práticas, a vivência destes como princípios orientadores para a atuação sócio técnica.

Ao longo dos trabalhos, foi possível perceber grande inquietação por parte dos estudantes, especialmente os do IF, quanto aos processos formativos por estes vivenciados, a escassez de atividades práticas, o caráter estreitamente teórico da formação e o distanciamento desta do contexto local e das práticas extensionistas em curso, apontados como limites. Em relação aos estudantes da EFAS tal limitação não se aplica, haja vista a própria metodologia da alternância que permite a plena



articulação entre teoria e prática e a fundamentação da formação no contexto das localidades nas quais vivem os estudantes.

Neste contexto, aponta-se como limite para a construção do conhecimento agroecológico na educação formal a própria estrutura curricular dos cursos, no caso dos cursos técnicos em agropecuária, que priorizam disciplinas como: agronegócio, fruticultura irrigada, melhoramento genético, e “não encontram espaço” na grade curricular para disciplinas de agroecologia, convivência com o Semiárido, extensão rural, a agricultura familiar, sociologia rural, entre outras consideradas dispensáveis na formação técnica. Compreende-se ser necessária a problematização da própria concepção de formação técnica, do papel dos profissionais em formação e da própria hierarquização dos conhecimentos por parte das instituições formadoras, mas, sobretudo da própria concepção de desenvolvimento rural, de campo, de ATER e mesmo de sociedade que orientam estas.

Referências

ARNSTEIN, Sherry R. *Uma escada da participação cidadã*. In: Revista da Associação Brasileira para o Fortalecimento da Participação – PARTICIPE, v. 2, n. 2, p. 4-13. Porto Alegre/Santa Cruz do Sul: jan. 2002.

BROSE, Markus. *Metodologia participativa. Uma introdução a 29 instrumentos*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001.

COELHO, France M. Gontijo. *A arte das orientações técnicas no campo: concepções e métodos*. Viçosa: Editora UFV, 2005. Revisado e ampliado em 2014.

DIAS, Paulo. *Comunidades de educação e inovação na sociedade digital. Educação, Formação & Tecnologias*,]. Dez., 2012. Disponível em: <http://eft.educom.pt/index.php/eft/article/view/314/165> . Acesso em 20 de janeiro de 2015.

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. Disponível em: <http://www.emater.tcche.br/site/arquivos_pdf/teses/Livro_P_Freire_Extensao_ou_Comunicacao.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2016.

_____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 48 ed. São Paulo, Cortez, 1983.



GEILFUS, F. 80 *Herramientas para el Desarrollo Participativo: diagnóstico, planificación, monitoreo, evaluación*. Prochamate–IICA, San Salvador, El Salvador, 1997.

MARINHO, Cristiane Moraes; FREITAS, Helder Ribeiro. *Utilização de Metodologias Participativas nos processos de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER): Fundamentos teórico-práticos*. Extramuros, Petrolina-PE, v. 3, n. 3, p. 10-28, edição especial, 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/extramuros/article/view/744/464>>. Acesso em 01 abr. 2016.

RUAS, Elma Dias et al. *Metodologia Participativa de Extensão Rural para o Desenvolvimento Sustentável – MEXPAR*. Belo horizonte, março 2006. In: *Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento / Fundação Banco do Brasil – Rio de Janeiro: 2004*.

VERDEJO, Miguel Expósito. *Diagnóstico Rural Participativo: Um guia prático*. In: Ministério do Desenvolvimento Agrário / Secretaria de Agricultura Familiar. Brasília: 2006.

ANEXOS



Figura 1. Ciranda – Unidos Somos Um.
Fonte: Arquivos do Sertão Agroecológico – 2016.



Figura 2. Esquema MPs - Diagrama de Vênus.
Fonte: Arquivos do Sertão Agroecológico – 2016.



Figura 3. Preparando simulação de MPs.
Fonte: Arquivos do Sertão Agroecológico – 2016.



Figura 4. Simulação MPs - Entrevista.
Fonte: Arquivos do Sertão Agroecológico – 2016.